

Setor moveleiro brasileiro e gaúcho: características, configuração e perspectiva*

Fernanda Queiroz Sperotto**

Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestra
em Economia pela UFRGS, Pesquisadora em Economia da
Fundação de Economia e Estatística

Resumo

A produção gaúcha de móveis é referência nacional, quer pelo número de peças e volume confeccionados, quer pela comercialização no exterior, além de abrigar um dos mais importantes polos moveleiros do País. Contudo, os efeitos da desaceleração da economia brasileira e gaúcha, nos últimos quatro anos, impactaram de sobremaneira no setor, reforçando a necessidade de fortalecer e aprimorar as vantagens competitivas, mesmo num cenário de recuperação econômica mais lenta. Para contribuir nessa discussão o artigo destaca as características do setor, sua configuração e perspectivas.

Palavras-chave: análise setorial; indústria moveleira; Rio Grande do Sul

Abstract

The State of Rio Grande do Sul furniture production is a national reference in Brazilian market, whether for the number of pieces and volume manufactured, or for the commercialization abroad. Moreover sheltering one of the most important furniture clusters in the country. However, in the past four years, the effects of the Brazilian and Gaúcha economic downturn greatly impacted in the sector, reinforcing the need to strengthen and improve competitive advantages, even in a slow economic recovery scenario. In order to contribute to this discussion, the article highlights the characteristics of the sector, its configuration as well as its perspectives.

Keywords: sectorial analysis; furniture industry; State of Rio Grande do Sul

1 Introdução

A produção gaúcha de móveis é referência nacional tanto em valor e número de peças como em vendas para o exterior. A participação do Estado no valor da produção brasileira representa algo entre 17% e 18%. Nas exportações, o Rio Grande do Sul ocupa a segunda posição, exportando um terço do total do País, sendo superado apenas por Santa Catarina. Embora a confecção de móveis seja uma atividade presente em todos os lugares, o Estado também se destaca por abrigar um dos polos moveleiros mais importantes do Brasil: o polo moveleiro de Bento Gonçalves e municípios vizinhos, localizado na Região da Serra Gaúcha.

Entretanto, nos últimos quatro anos o setor moveleiro, a exemplo de outros vinculados principalmente às atividades mais tradicionais da indústria, tem sido impactado pela desaceleração da economia brasileira e pelo fortalecimento de outros *players* no mercado internacional. Particularmente no Estado, com exceção da variação do primeiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo período de 2016, que foi de 1,0%, em todos os demais trimestres dos últimos cinco anos as variações na produção moveleira foram negativas¹ (FEE, 2018).

* Artigo recebido em 22 mar. 2018.

** E-mail: fsperotto@fee.tche.br

¹ O último dado disponível, terceiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo do ano anterior, a variação foi de -2,3% (FEE, 2018).

Diante desse cenário, o artigo analisa a produção de móveis no País e, em especial, no Rio Grande do Sul, com o intuito de apresentar um panorama atualizado dessa atividade e, a partir dessa contextualização, destacar alguns desafios para o setor. Para tanto, o artigo encontra-se dividido em quatro seções além dessa introdução. A segunda seção aborda as principais características do setor moveleiro, enfatizando sua segmentação enquanto finalidade, materiais empregados e confecção, dentre outros aspectos. A terceira seção apresenta a configuração atual do setor, dando destaque à localização dos principais centros produtores do País e do Estado, às características do processo de produção — evocando elementos técnicos e de inovação, bem como a inserção do móvel brasileiro no mercado internacional. A quarta seção analisa o comportamento do setor através de três temáticas: empregos e estabelecimentos, produção e investimentos, e comércio exterior. E, finalmente, na quinta seção — perspectivas para o setor — se propõe desafios para o crescimento do setor nos próximos anos.

2 Características do setor moveleiro

A produção de móveis faz parte do grupo de setores tradicionais da Indústria de Transformação, caracterizado pela presença predominante de micro e pequenos estabelecimentos, localizados de forma dispersa. Isso ocorre basicamente porque a tecnologia é relativamente conhecida e os recursos para o investimento inicial não são elevados. Apesar de sua localização disseminada, observa-se com alguma frequência a formação de configuração aglomerada que, em muitos casos, também é fruto de um desenvolvimento histórico particular (COSTA; HENKIN, 2012; FAUTH; SPEROTTO, 2013).

A segmentação do setor é usualmente determinada pela finalidade e pelo material predominante na peça. A finalidade prevê três modalidades: residencial, de escritório e institucional (mobiliário escolar, hospitalar e de lazer). Os materiais utilizados na confecção são usualmente a madeira maciça, as chapas e painéis de madeira, o metal (aço, ferro, alumínio, dentre outros), o plástico e as fibras naturais (vime, junco e cana-da-índia).

Em particular, nos móveis com predominância de madeira, os materiais mais empregados são os painéis (ou chapas) de madeira, os laminados e os serrados, todos elaborados através de um processo mecânico aplicado à madeira maciça. Atualmente, boa parte dessa madeira já é proveniente de florestas plantadas e destina-se a produção de painéis de madeira reconstituída (PMR). Os principais PMR disponíveis no mercado são: as chapas de fibra de madeira (chapa dura ou *hardboard*); o *medium density fiberboard* (MDF); e o *medium density particleboard* (MDP).

As chapas de fibra se originam do processo de prensagem, a alta temperatura, aplicado às fibras de madeira sem o uso adicional de resinas, aproveitando-se o líquido viscoso natural das fibras. Já o MDP e o MDF, embora também obtidos a partir de fibras de madeira, se diferem pelas altas exposições à temperatura e à pressão, e pelas quantidades adicionais de resina. O MDF e sua variante *high density fiberboard* (HDF)² necessitam de mais quantidades de resina e a ação conjunta de temperatura e pressão é maior. O painel final será mais maleável e resistente ao peso do que a versão MDP. Esse último, por apresentar uma superfície mais porosa, é encontrado principalmente nas partes internas dos móveis ou em peças mais retilíneas, como prateleiras, portas e gavetas. Ademais, por ser um painel de custo mais acessível, ele é muito utilizado em móveis mais populares. É interessante destacar que no processo de produção dos painéis do tipo MDP, MDF e HDF o consumo de água é nulo, diferentemente do processo de fabricação das chapas que, além de ser mais poluente e antiquado, necessita de água (MATTOS, GONÇALVES; CHAGAS, 2008).

Os móveis são classificados em quatro linhas de confecção: seriados, modulados, planejados e sob desenho. Os seriados, ou padronizados, são aqueles que não permitem a interferência dos consumidores. Nesse grupo são ofertados móveis retilíneos, fabricados principalmente por empresas de médio e grande porte, que contam com uma rede bem articulada de atacadistas e distribuidores. Os modulados se assemelham aos seriados, entretanto, como o próprio nome diz, o projeto de módulos possibilita uma melhor adaptação ao espaço. Os planejados são móveis modulados, mas sujeitos a uma maior interferência por parte do consumidor, que vai desde adaptações e ajustes de algumas partes (como prateleiras e gavetas), até a escolha de padrões de acabamento (lâminas, puxadores, metais e cores). Por fim, os móveis sob desenho, também conhecidos como sob medida, são criados a partir de um projeto exclusivo, com a total influência do consumidor.

A demanda de móveis é composta por nichos de mercado, varia positivamente com a renda e sua elasticidade-renda é sensível às mudanças conjunturais da economia. Elementos como estilo de vida, características cultu-

² Em comparação ao MDF, o HDF apresenta uma maior densidade e menor espessura, nesse caso, suportando mais peso ainda que seja mais fino.

rais, ciclo de reposição, recursos em *marketing* e propaganda, e facilidades de acesso ao crédito são aspectos que interferem na disposição das pessoas a comprar móveis³.

Na cadeia produtiva⁴ moveleira estão presentes os setores fornecedores de insumos como: os de extração e de produção de lâminas e painéis de madeira; as placas, aramados, corrediças, trilhos e tubos de metal; os componentes de vidro e acrílico; os puxadores e dobradiças; tintas, lacas e vernizes; e materiais para estofamento como tecidos e couros. Outro elo importante é o de máquinas e equipamentos. Na outra ponta da cadeia, a jusante, encontram-se serviços especializados como os de *design*, pesquisa e desenvolvimento (P&D), capacitação de mão de obra, transporte e montagem, e de distribuição para os mercados interno e externo (SPEROTTO, 2016).

Para a maioria das empresas do setor, a inovação tecnológica está inserida nos materiais utilizados (como os painéis de madeira), nos bens de capital (máquinas, equipamentos, ferramentas) e nos serviços especializados, como a análise e testes de materiais, visando o melhor aproveitamento de insumos. Nesse último grupo encontram-se também o desenvolvimento de *software* (sistemas do tipo CAD/CAM) e a utilização de instrumentos de alta tecnologia (como impressoras 3D).

O desenvolvimento e o aprimoramento de materiais, através de P&D, funcionalidades e estética são diferenciais importantes para gerar vantagens competitivas para a indústria moveleira. Contudo, ao se examinar os segmentos moveleiros em particular, constata-se que o padrão tecnológico se difere (ROSA *et al*, 2007). Por exemplo, na fabricação de móveis retilíneos, seriados ou planejados, verifica-se um maior grau de atualização tecnológica. Na confecção de móveis de escritório, no qual predomina o uso de metal, os processos produtivos são relativamente mais sofisticados quando comparado aos de outros segmentos. Por sua vez, na produção de móveis de madeira maciça, observa-se uma grande heterogeneidade tecnológica, em que convivem maquinários antiquados com modernos.

No âmbito internacional, a produção de móveis se insere em cadeias globais de valor. Entre os fatores que possibilitaram esses arranjos estão a tendência progressiva de redução das barreiras comerciais, os investimentos externos, as inovações dos transportes, as melhorias nas embalagens, em especial para os produtos mais frágeis, e os avanços das tecnologias de informação e de comunicação, principalmente de *e-commerce*. (GALINARI; TEXEIRA JR; MORGADO, 2013).

As empresas que estão na liderança dessas cadeias, em sua grande maioria sediadas em países desenvolvidos, se especializaram nas etapas mais valorizadas da produção, que contemplam o *design*, os projetos de pesquisa e desenvolvimento (P&D) de produtos e materiais, e a arquitetura da distribuição e comercialização mundial. Esses principais vetores são comandados por empresas europeias — italianas, alemãs, francesas e suecas — e estadunidenses.

Cabe destacar que os países asiáticos, pontualmente a China, Malásia e Taiwan, nos últimos 20 anos, alcançaram importantes vantagens competitivas. Uma das consequências foi o aumento dos seus respectivos *market-share* nos segmentos de mobília de metal, cadeiras e mesas de escritório, estantes e armários de cozinha (GORINI, 1998; GALINARI; TEXEIRA JUNIOR; MORGADO; 2013). No Brasil, os produtos asiáticos atendem principalmente a demanda de móveis de plástico e de metal, para qual a produção interna é menos competitiva.

3 O setor moveleiro brasileiro e gaúcho

No Brasil há regiões que se especializaram na produção de móveis e atualmente concentram uma parte relevante dos empregos formais do setor, são elas: Bento Gonçalves (RS), São Bento do Sul (SC), Arapongas (PR), Votuporanga (SP) e Ubá (MG). Os principais polos para exportação estão localizados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, responsáveis por 70% das exportações totais de móveis do País. Em Santa Catarina se sobressaem as exportações de móveis de madeira maciça, enquanto que no Rio Grande do Sul predominam as de móveis de painéis de madeira.

No mercado internacional, o móvel produzido no Brasil foi durante muito tempo associado ao uso de madeiras nativas de lei⁵. Todavia, esse que era um dos seus diferenciais passou a ser discutível em razão dos impactos ambientais causados pelo desmatamento indiscriminado de suas florestas tropicais e subtropicais. Em conse-

³ Um estudo feito no final da década de 1990 apurou que, no Brasil, cerca de 2% da renda disponível das famílias eram destinados à compra de móveis, sendo que esta demanda era basicamente atendida pela produção interna (GORINI, 1998).

⁴ A cadeia produtiva representa o conjunto de atividades que se ligam progressivamente, envolvendo a obtenção de insumos básicos (como a extração de matérias-primas), os diversos fornecedores (de máquinas, equipamentos, ferramentas e de demais itens necessários para confecção), até o consumo final.

⁵ Entre as mais conhecidas estão: mogno, cerejeira, imbuia, cedro, virola, sucupira, jatobá, angelim, dentre outras.

quência, o uso de madeira de reflorestamento passou a ser uma alternativa, principalmente na forma de painéis de madeira, que são produzidos a partir de árvores de rápido crescimento, como o eucalipto e o pinus. Atualmente, o segmento mais importante, tanto em volume como em valor, é o de móveis com predominância de madeira.

Como em outras economias periféricas, no Brasil, a produção moveleira tende a ser mais intensiva em mão de obra e, muitas vezes, com alto grau de informalidade (VIDAL; DA HORA, 2014).

As inovações na indústria brasileira de móveis ocorrem, na maioria dos casos, nos elos a montante da produção, ou seja, por fornecedores de insumos e de bens de capital. Se por um lado essa configuração pode ampliar a dependência tecnológica, por outro lado ela possibilita uma melhor qualidade ao produto final, melhorando seu acabamento e expandindo as opções de desenho.

Outra característica observada é a descontinuidade do processo produtivo. Isso faz com que a modernização ocorra somente em algumas etapas da produção, uma vez que num mesmo ambiente fabril é comum observar máquinas modernas operando ao lado de equipamentos obsoletos. Ademais, embora a tecnologia no setor seja difundida, grande parcela dos fabricantes brasileiros de máquinas e equipamentos não consegue acompanhar o ritmo tecnológico aplicado ao setor. Logo, a densidade tecnológica da indústria brasileira de móveis é relativamente baixa e, por conseguinte, a lacuna na geração dos equipamentos obstaculiza a maior automação do processo e a padronização do produto final (ROSA *et al*, 2007). Essa falha também pode dificultar a padronização de partes e peças, impedindo a adaptação desses itens em novos projetos, particularmente, aqueles de diversificação do produto final.

No âmbito das cadeias globais de valor, as empresas brasileiras, semelhante a outras de países periféricos, estão presentes nas etapas intermediárias como na produção de partes e componentes, e na montagem do móvel (ROSA *et al*, 2007; COSTA; HENKIN, 2012; SPEROTTO, 2016).

No Rio Grande do Sul, o começo da produção de móveis coincide com a chegada de imigrantes europeus, a partir da segunda metade do século XIX. Entretanto, a fabricação ganhou mais vulto na década de 1920, quando surgiram na região do município de Bento Gonçalves as primeiras empresas com produção sob encomenda. A configuração em escala industrial ocorreu nas três décadas subseqüentes, quando se ampliou a comercialização de móveis para outras regiões do Estado e se elevou o número de empresas, especialmente na região da Serra Gaúcha (VARGAS; ALIEVI, 2000; MACADAR, 2004).

Atualmente, o Estado possui três polos principais: a região do município de Bento Gonçalves e seu entorno; a região do município de Lagoa Vermelha e arredor; e a região do município de Gramado e localidades vizinhas da região das Hortênsias.

O mais relevante deles é o polo de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, que possui projeção no cenário nacional, e onde se situam importantes empresas de móveis e de fornecedores, além de uma rede de apoio⁶ (SPEROTTO, 2016). O principal tipo de móvel é o retilíneo de PMR, para residências e escritórios. Entretanto, as produções de móveis de madeira maciça e de metal (neste, principalmente, cozinhas e mobiliário de escritório) também são expressivas.

O Polo de Lagoa Vermelha foi constituído mais recentemente, durante a década de 1990. Assim como em outras aglomerações do setor, é formando principalmente por micro e pequenas empresas, muitas delas de gestão familiar. O estágio tecnológico de suas empresas moveleiras encontra-se num nível mais desatualizado do que o da região de Bento Gonçalves. Os móveis da região são em sua maior parte confeccionados com PMR para fim residencial, como dormitórios, salas de jantar, mobília infantil e outros artigos de decoração. As empresas da região são especializadas na fabricação de móveis seriados e sob medida (CAMARGO *et al*, 2008).

O terceiro polo tem seu centro no município turístico de Gramado, mas se estende também a outros dois municípios, Canela e Nova Petrópolis. Os chamados Móveis de Gramado se caracterizam pelo uso predominante da madeira e pela produção planejada e sob medida. Em geral, as mobílias possuem maior valor agregado, pois nelas sobressai o uso de madeiras mais nobres — inclusive de madeira maciça, com desenhos torneados, que exigem mais intensamente mão de obra e requerem mais tempo para sua confecção. Os Móveis de Gramado, embora não possuam ainda uma indicação geográfica, são reconhecidos no País por esses atributos.

⁶ Essa rede conta com a presença de: (a) centros técnicos, como o Centro Tecnológico do Mobiliário (Senai-Cetemo) e outros do Sistema S (Senai e Sebrae); (b) instituição de ensino superior (Universidade de Caxias do Sul); e (c) associações diversas, como a Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (Movergs), o Sindicato das indústrias do Mobiliário de Bento Gonçalves (Sindmóveis), o Centro Gestor de Inovação Moveleiro (CGI), e outros sindicatos, associações regionais e órgãos de classe (SPEROTTO, 2016).

Por sua relevância econômica, o polo de Bento Gonçalves é referência nacional, ocupando a terceira posição na classificação nacional em número de trabalhadores⁷. Entre as empresas da região se destacam Todeschini, Carraro, Florense, SCA e Dell Anno, Bertolini e Telasul, dentre outras.

Nos últimos vinte anos, o setor moveleiro gaúcho, mais precisamente o da região serrana, empenhou-se na melhora da profissionalização por meio de desenvolvimento de tecnologia, mão de obra qualificada e investimentos em *design* (MACADAR, 2004). Outras medidas importantes foram: a criação do Programa Brasileiro de Incremento à Exportação de Móveis (Promóvel), uma ação do governo federal de estímulo às exportações brasileiras de móveis; e a organização da Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para Indústria Moveleira, a FIMMA Brasil⁸.

Em particular, na primeira década dos anos 2000, questões envolvendo a organização empresarial em redes de sistemas produtivos ganharam relevância nas discussões sobre desenvolvimento local e regional. Nessa linha, em 2004, foi lançado pelo governo federal o Programa Nacional de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais, que propunha uma nova diretriz para a política de desenvolvimento territorial, fomentando as aglomerações produtivas. Muitas propostas desse programa se assemelhavam àquelas apresentadas no Rio Grande do Sul, em 1999, pela extinta Secretaria de Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais (Sedai), através do Programa de Apoio aos Sistemas Locais de Produção (SLPs). Os resultados dessas ações foram positivos às aglomerações moveleiras do RS, em especial, à da Região da Serra. Uma das principais reivindicações dos produtores, a instalação de uma fábrica de PMR, foi atendida em 2004 quando se instalou na localidade de Glorinha a primeira fábrica de painéis de MDF e de aglomerados, a Fibraplac, ampliando a oferta dessa matéria-prima. Nesse mesmo ano foi inaugurado, em Porto Alegre, o Centro de Distribuição da Masisa Brasil, que possibilitou uma redução de custos de frete para várias empresas moveleiras do interior do Estado. Em 2010, o grupo Masisa investiu em mais uma fábrica de MDP, no município de Montenegro. Entre 2001 e 2012, das sete novas plantas de painéis que se instalaram no Brasil, duas foram no Rio Grande do Sul⁹. Outra mudança no segmento de PMR foi a fusão das empresas Duratex e Satipel, em 2009. A Satipel, em operação no Estado desde a década de 1970, fabricava exclusivamente painéis do tipo MDP, o que se mantém até hoje na unidade de Taquari.

4 Um panorama recente do setor

A seção a seguir apresenta um panorama recente da indústria moveleira no País e no Rio Grande do Sul, enfatizando três recortes: empregos e estabelecimentos, mediante os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego; produção e investimentos, com informações obtidas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como outros estudos do setor; e, exportações e importações, a partir das estatísticas do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, coletadas na plataforma AliceWeb.

4.1 Empregos e estabelecimentos

Conforme os dados da Relação Anual de Informações Socioeconômicas (RAIS), divulgados pelo Ministério do Trabalho, em 2016, a indústria moveleira, composta pelos segmentos de móveis com predominância de madeira, metal e outros materiais, e a fabricação de colchões, empregou 234.843 trabalhadores formais, alocados em 21.797 unidades de produção (BRASIL, 2017). A grande maioria desses estabelecimentos, cerca de 80%, é de unidades com até nove funcionários. Os pequenos estabelecimentos (de 10 a 49 empregados) correspondem em

⁷ Conforme será analisado na próxima seção, em 2016, em Bento Gonçalves, 6.203 pessoas estiveram formalmente ocupadas na produção moveleira. Na classificação nacional, apenas os municípios de Arapongas (9.356, PR) e Ubá (7.773, MG) empregaram mais trabalhadores na fabricação de móveis (BRASIL, RAIS, 2017).

⁸ A primeira edição ocorreu em 1993 e mantém-se até hoje com uma periodicidade bianual, intercalada com outro evento moveleiro de relevância, a Movelsul, que se dedica a exposição de móveis prontos Para maiores informações acessar: FIMMA Brasil, <<http://www.fimma.com.br/>>; e Movelsul, <<http://www.movelsul.com.br/>>.

⁹ Além das duas plantas citadas, passaram a operar no País mais cinco: (a) em 2001, a chilena Masisa, em Ponta Grossa, no Paraná; (b) em 2009, a planta Guararapes, em Caçador, Santa Catarina; (c) em 2009, a Sudati em Tarumã, Santa Catarina; (d) em 2010, a Floraplac, em Paragominas, no Pará; e (e) em 2012, a Repinho em Atalaia, no Paraná. Além dessas, em 2005 a empresa chilena Arauco passou a ser a proprietária da empresa Placas Paraná e, em 2008, a estadunidense Louisiana-Pacific Corporation adquiriu uma das fábricas da Masisa.

torno de 16,5%, enquanto que os médios (50 a 249 funcionários), 3% e os grandes (acima de 250 trabalhadores) 0,5%.

Os trabalhadores inseridos na indústria moveleira representaram, em 2016, 3,5% da força de trabalho formal da Indústria de Transformação e 0,5% do total da economia. Comparando com o ano anterior, o setor sofreu um declínio de 21.224 empregos (-8,3%) e de 685 estabelecimentos (-3,0%). Vale destacar que somente nos últimos dois anos, 2015 e 2016, foram extintas 48.158 vagas. Já a diminuição no lado dos estabelecimentos ocorreu em 2016, com o fechamento de 685 estabelecimentos.

Entre as Unidades da Federação, as maiores concentrações de postos de trabalho formais e de estabelecimentos se localizam nas Regiões Sudeste (principalmente São Paulo e Minas Gerais) e Sul (três estados dessa região) (Figura 1 e 2). Em 2016, a distribuição dos empregos nesses cinco estados representou 77% do emprego formal do setor, enquanto que as unidades de produção 72,1% (Tabela 1).

Tabela 1

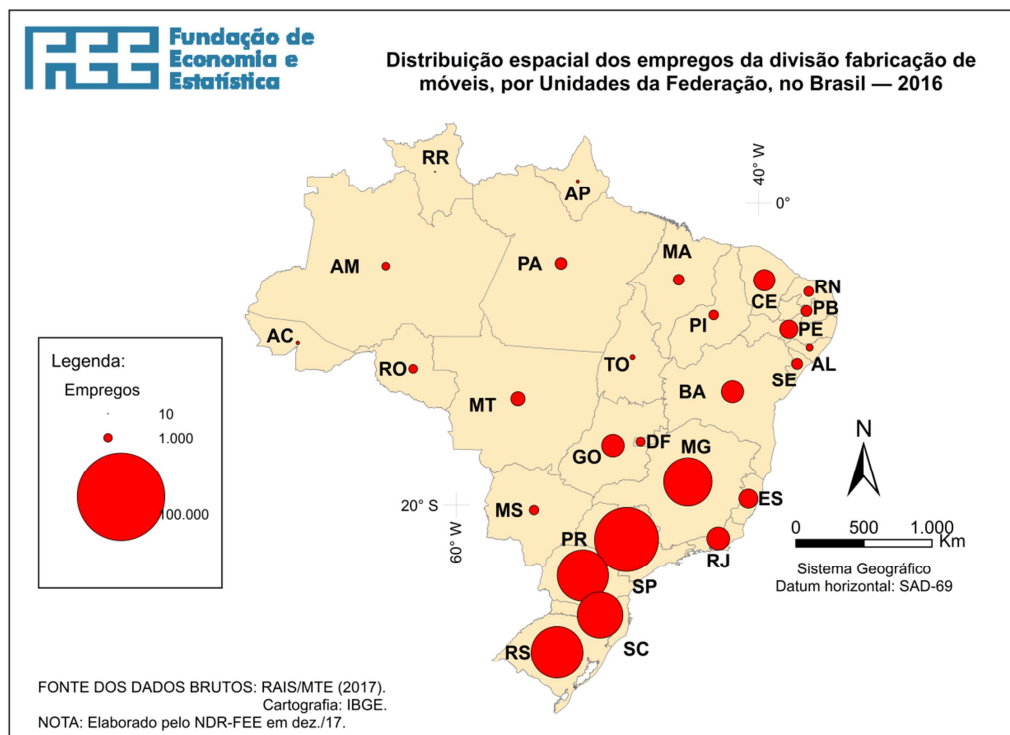
Empregos e estabelecimentos do setor de móveis, segundo as principais unidades federativas do Brasil — 2016

DESCRIÇÃO	EMPREGO		ESTABELECIMENTOS	
	Número	%	Número	%
São Paulo	53.687	22,9	4.036	18,5
Rio Grande do Sul ...	35.414	15,1	2.916	13,4
Paraná	34.561	14,7	3.024	13,9
Minas Gerais	30.839	13,1	3.000	13,8
Santa Catarina	27.378	11,7	2.744	12,6
Demais Estados	52.964	22,6	6.077	27,9
Brasil	234.843	100,0	21.797	100,0

FORNTE DOS DADOS BRUTOS: Brasil (2017).

Figura 1

Distribuição espacial dos empregos da divisão fabricação de móveis, por unidades da Federação, no Brasil — 2016

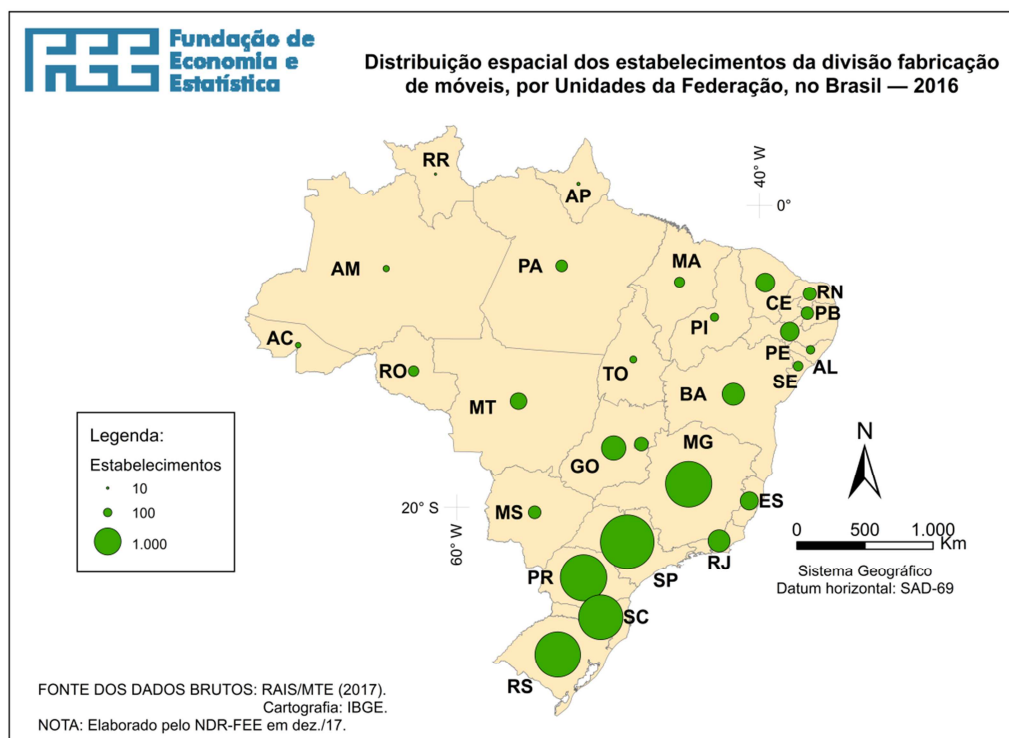


Analisando a distribuição espacial do emprego nos últimos 20 anos, observa-se que São Paulo concentra, em média, de 25% a 30% dos postos de trabalho, enquanto que a outra parte relevante, 40%, se encontra no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Outro destaque é o estado de Minas Gerais que vem aumentando sua participação.

Os cinco principais polos moveleiros, em 2016, agruparam em torno de 15% dos empregos formais, foram eles: Arapongas, no Paraná (9.356 empregos formais; 4,0% do total do País); Ubá, em Minas Gerais (7.773 empregos formais; 3,3% do total do País no setor); Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul (6.203 empregos formais; 2,6% do total do País no setor); São Paulo capital (5.625 empregos formais; 2,4% do total do País no setor); e São Bento do Sul, em Santa Catarina (4.865 empregos formais; 2,1% do total do País no setor). O conjunto dessas localidades reúne em torno de 7% a 9% do total de estabelecimentos.

Figura 2

Distribuição espacial dos estabelecimentos da divisão fabricação de móveis, por unidades da Federação, no Brasil — 2016



A maior parcela dos empregos e dos estabelecimentos, tanto da indústria moveleira brasileira como gaúcha, encontra-se no segmento de móveis com predominância de madeira. Esse predomínio do segmento de mobiliário de madeira é também percebido nos cinco principais polos, inclusive com proporção superior a 70%. Em São Bento do Sul, Santa Catarina, 91,1% dos postos de trabalho formais estão nesse segmento. O mesmo é verificado em Araponga (Paraná) 90,0%; Bento Gonçalves (RS) 78,8%; e São Paulo (SP) 71,6%. Entretanto, no caso desses dois últimos — Bento Gonçalves e São Paulo — verifica-se uma proporção significativa de empregos na fabricação de móveis com a predominância de metal: 17,6% em ambos.

Os empregos formais na produção de móveis de outros materiais são também relevantes nos polos mencionados. Os maiores números estão em São Paulo (450 empregos) e Ubá (361 empregos). Já os empregos na confecção de colchões são pouco representativos nos polos destacados. No País os principais centros produtores desse ramo são Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro (5,0% dos empregos nacionais), Maringá, no Paraná (4,5% dos empregos nacionais), Goiânia (4,0% dos empregos nacionais), e Aparecida de Goiânia, em Goiás, e Salvador (ambos com 3,7% dos empregos totais).

No Rio Grande do Sul, a produção de móveis é concentrada na Região Nordeste, especialmente na Serra Gaúcha, se estendendo até a Região Metropolitana de Porto Alegre (Figuras 3 e 4). Com a ênfase na produção em móveis com predomínio de madeira, no Estado se destacam, além da localidade de Bento Gonçalves, os municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Dois Irmãos, Gramado, Tupandi, Lagoa Vermelha e Garibaldi, todos estes com mais de mil postos de trabalho formais na produção moveleira.

O maior polo gaúcho é o nucleado por Bento Gonçalves (6.203 empregos em 2016), na região do Corede Serra¹⁰. Nesse Corede, em 2016, havia 15.134 postos de empregos formais, o que representou 42,7% do total do emprego da indústria moveleira gaúcha.

Figura 3

Distribuição espacial dos empregos da divisão fabricação de móveis,
por município, no Rio Grande do Sul — 2016

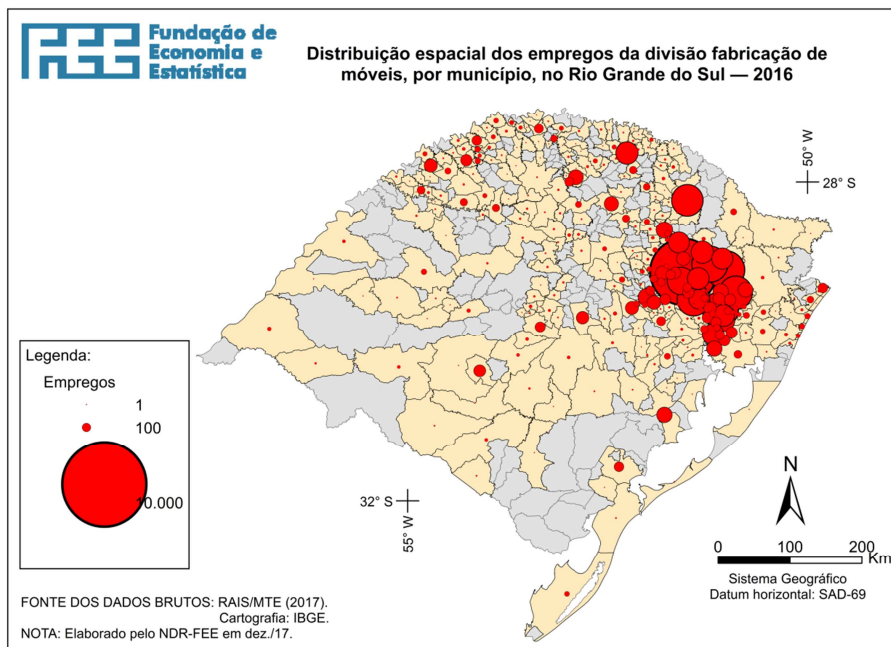
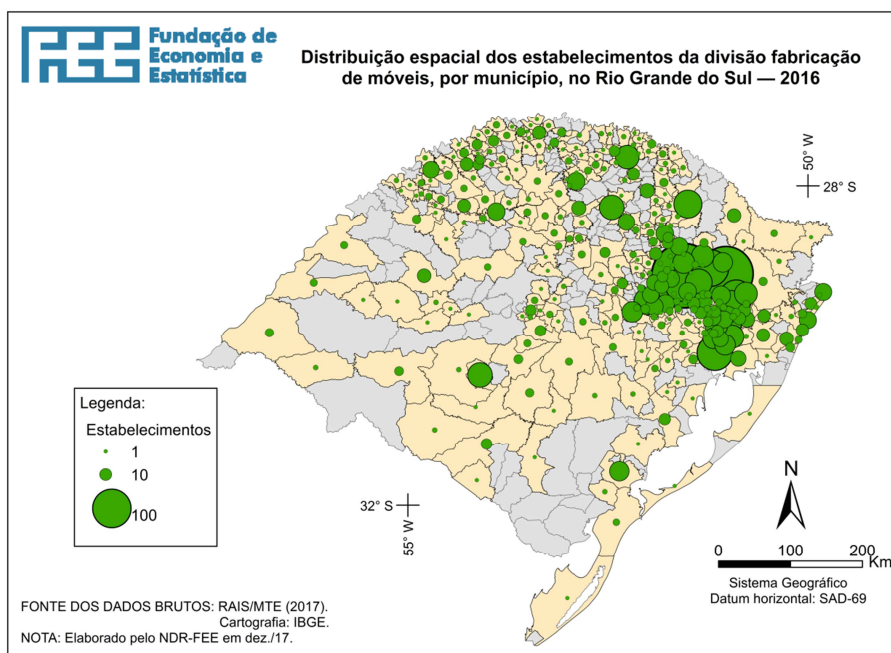


Figura 4

Distribuição espacial dos estabelecimentos da divisão fabricação de móveis,
por município, no Rio Grande do Sul — 2016



¹⁰ Corede Serra é formado por 32 municípios, são eles: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Fagundes Varela, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guabiju, Guaporé, Montauri, Monte Belo do Sul, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Parai, Pinto Bandeira, Protásio Alves, Santa Tereza, São Jorge, São Marcos, São Valentim do Sul, Serafina Corrêa, União da Serra, Veranópolis, Vila Flores e Vista Alegre do Prata.

Em 2016, o setor empregou no Rio Grande do Sul 35.414 trabalhadores. Em comparação ao ano anterior, 2015, verificou-se uma redução de 3.024 postos de trabalho. Conforme anteriormente ressaltado, desde 2013 o número de trabalhadores formais no setor moveleiro vem diminuindo. Entre 2013 e 2016, houve uma diminuição de 6.715 postos de trabalho formais. Entretanto, mesmo com essa redução, o Estado se manteve na segunda posição nacional. Já o número de unidades de produção tem se mantido mais ou menos constante. Em 2016, havia no Estado 2.916 estabelecimentos, 80 a menos em comparação a 2015.

No Rio Grande do Sul, assim como no País, predominam os micros estabelecimentos: 80% das unidades de produção possuem no máximo nove empregados. O restante, 20%, é distribuído entre pequenos (16,0%), médios (3,5%) e grandes (0,5%) estabelecimentos.

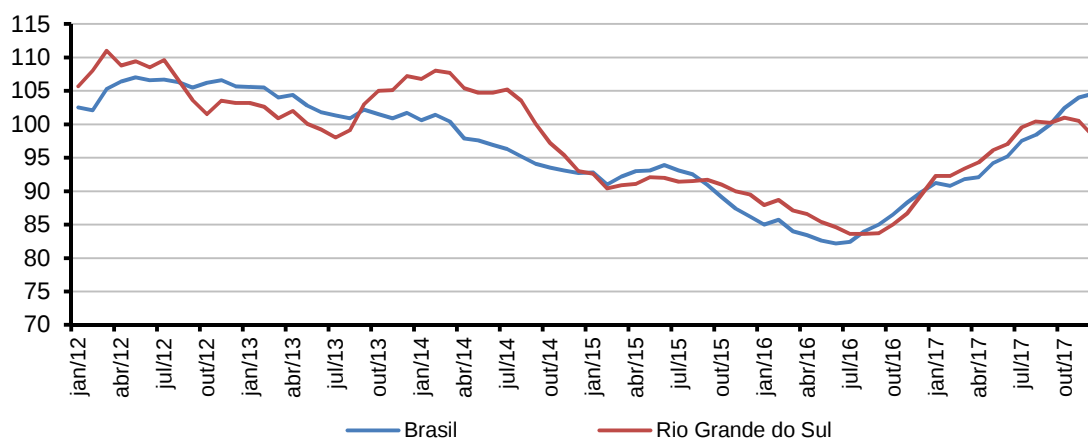
4.2 Produção e Investimentos

O setor moveleiro nacional e gaúcho foi um dos setores impactados pela desaceleração econômica, especialmente a partir de 2014. Conforme os dados da Pesquisa Indústria Mensal, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de produção física da produção moveleira, dos últimos 12 meses, no País, apresentou descensos contínuos a partir de setembro de 2013, atingindo o seu menor patamar no mês de junho de 2016 (Gráfico1).

No caso do Rio Grande do Sul, essa redução deu-se com mais intensidade a partir de agosto de 2014, sendo o menor volume observado em julho de 2016. A recuperação da produção, embora lenta, iniciou ainda no final de 2016. No País o volume vem crescendo e no mês de dezembro de 2017 alcançou o maior montante desde abril de 2013. No Rio Grande do Sul, apesar da recuperação, no último trimestre de 2017 a produção voltou a declinar, finalizando o ano no mesmo nível observado em outubro de 2014.

Gráfico 1

Índice de produção física mensal, fabricação de móveis no Brasil e no Rio Grande do Sul — jan./2011-dez./2017



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Pesquisa Indústria Mensal (IBGE, 2017).
NOTA: Índice de produção física acumulado nos últimos 12 meses.

O valor das saídas fiscais¹¹, disponibilizado pela Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul (SEFAZ/RS) à Fundação de Economia e Estatística (FEE), é um interessante indicador para avaliar a relevância de um dado setor para a economia do Estado ou uma de suas regiões. Em 2014, último dado disponibilizado pela SEFAZ/RS, a produção de móveis foi responsável por 3,26% do valor das saídas fiscais das atividades industriais e 1,61% do valor das saídas fiscais do total da economia (Tabela 2).

Na principal região de produção moveleira do Estado, Corede Serra, as participações das saídas fiscais da produção de móveis, tanto no total da indústria da região como no total de sua economia, foram bem expressivas: em 2014, a participação do valor das saídas fiscais da produção de móveis representou 9,55% do valor produzido

¹¹ Esse valor é uma medida de aproximação do Valor Bruto da Produção (VBP) que se refere à soma do valor gerado pelos estabelecimentos de uma dada classe de atividade produtiva, a partir do seu faturamento. Por questões de sigilo fiscal são apenas informados os percentuais de participação no Estado segundo Corede.

pela indústria do Corede e 6,84% do valor do conjunto de todos os setores econômicos do Corede. Ademais, nessa região foram gerados 58,36% do valor das saídas fiscais da atividade moveleira do Estado; ou seja, mais da metade do faturamento do setor é proveniente dessa região.

Tabela 2

Participação e distribuição nos valores das saídas fiscais das atividades de alto potencial poluidor, segundo estrutura industrial e econômica, Coredes e RS — 2007 e 2014

COREDE E RS	2007			2014		
	Participação na estrutura industrial	Participação na estrutura econômica	Distribuição no Estado	Participação na estrutura industrial	Participação na estrutura econômica	Distribuição no Estado
Serra	10,99	7,98	76,11	9,55	6,84	58,36
Rio Grande do Sul	3,16	1,68	100,0	3,26	1,61	100,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Rio Grande do Sul (2016).

NOTA: Elaborado por FEE/CIE.

De acordo com o levantamento do Iemi, entre 2011 e 2015 a participação da indústria moveleira no valor total produzido da indústria de transformação se manteve ao redor de 2,0%, sendo que em 2015 houve um ligeiro acréscimo, atingindo 2,6%. Nesse ano, o montante da produção de móveis e colchões foi apurado em R\$ 59,5 bilhões e foram ofertadas 463,4 milhões de peças. Em 2015, no Rio Grande do Sul o valor da produção para a fabricação de móveis e colchões foi de R\$ 10,5 bilhões, correspondente a 17,6% do valor total no País (IEMI, 2016).

A maior parte das peças fabricadas se destina aos dormitórios, em torno de 30%. As outras categorias mais representativas em números de peças são os móveis de escritório, 15%, os móveis para cozinha, sala de jantar e estofados, todas estas três com participação de 10%.

Regionalmente, a maior concentração de fabricação de itens encontra-se na Região Sul do País, 43,4%. O Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor de peças, sendo superado apenas pelo estado de São Paulo (109,0 milhões de peças; 23,5%). Em 2015, o RS fabricou 86,7 milhões itens, equivalente a 18,7% da produção nacional. Outros estados com participações relevantes são: Paraná (64,8 milhões de peças; 14,0%), Minas Gerais (62,4 milhões de peças; 13,5%) e Santa Catarina (49,5 milhões de peças; 10,7%) (IEMI, 2016).

No Estado, o maior número de peças fabricadas se destina ao mobiliário de escritório e de dormitórios. Em 2015, das 86,7 milhões de peças, 31,5% foram de móveis de escritório e 30,1% de dormitórios. Com menor relevância estão os móveis para cozinha (16,1%), estofados (9,6%), móveis para sala de estar (6,3%) e móveis para sala de jantar (3,1%). O montante de colchões correspondeu a 3,3% das peças (IEMI, 2016).

No que tange aos investimentos, em 2015, o setor moveleiro brasileiro, incluindo o segmento de fabricação de colchões, investiu R\$ 1,1 bilhão (IEMI, 2016). Desse montante, 92,7% foram destinados à fabricação de móveis e 7,3% à produção de colchões. Aproximadamente, 30% desses recursos foram utilizados para a aquisição de máquinas e equipamentos importados (R\$ 291,47 milhões), especialmente máquinas de serrar (27,6%) e máquinas para arquear e reunir¹² (15,5%). As principais origens desses equipamentos são a Itália (29,3%), a Alemanha (22,5%) e a China (18,7%) (IEMI, 2016).

4.3 Exportação e importação

Em 2017, entre os meses de janeiro e dezembro, o Brasil exportou US\$ 625,80 milhões em móveis, enquanto que as importações somaram US\$ 506,49 milhões, indicando um saldo comercial positivo de US\$ 119,31 milhões. Historicamente a balança comercial moveleira do País é superavitária (Tabela 3).

Os principais itens exportados pelo País são os móveis de madeira, que correspondem em torno de 70% do valor total exportado. Nessa categoria se sobressaem os móveis para dormitório, cerca de 40,0% do valor total exportado, e os outros móveis de madeira, 20,0%. Segundo as estatísticas da base de dados de comércio exterior das Nações Unidas, *Comtrade*, em 2016, o Brasil ocupou o 9º lugar entre os principais exportadores de móveis dormitórios de madeira, o que representou 2,2% das exportações mundiais desse tipo de mobiliário. Outra categoria relevante é a de cozinhas de madeira, na qual o País esteve na 20ª posição. No mundo, a China lidera as ex-

¹² São máquinas para pregar, grampear, colar ou reunir partes, aplicadas à madeira, cortiça, osso, borracha endurecida, plásticos duros ou matérias duras semelhantes.

portações em todas as categorias de móveis, se situando nas mais diversas categorias, entre as três primeiras posições (NAÇÕES UNIDAS, 2018).

A Região Sul é responsável por 80% das exportações de móveis do Brasil, sendo que Santa Catarina (32%) e Rio Grande do Sul (30%) totalizam mais de 60% dessas exportações.

Entre 2012 e 2017, os principais destinos dos móveis brasileiros foram os Estados Unidos (20%), o Reino Unido (13%) e a Argentina (13%). É pertinente salientar que ano após ano as vendas para a Argentina — um dos mais importantes mercados para os móveis brasileiros — vêm declinando. Em 2012, o valor total exportado foi de US\$ 122,56 milhões, sendo o primeiro mercado de móveis brasileiros. Em 2017, o valor exportado reduziu-se para US\$ 55,56 milhões, registrando um declínio 54,7% e diminuindo duas posições na classificação geral. Entre as principais causas dessa redução estão a instabilidade econômica, a orientação da política cambial (a partir de 2012) e a redução do poder de compra. Outros destinos importantes dos móveis brasileiros são os mercados latino-americanos como a Bolívia, o Chile, o Peru, o Paraguai e o Uruguai. Esses cinco países, entre 2012 e 2017, absorveram 30,0% das exportações de móveis. Portanto, cerca de 80% das vendas externas de móveis brasileiros concentram-se nesses dois grupos de países.

Tabela 3

Valor das exportações, das importações e do saldo da balança comercial de móveis no Brasil — 2012-17

DESCRIÇÃO	(em US\$ milhões)					
	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportações						
Assentos e estofados	175,21	162,91	132,74	108,51	109,54	98,96
Móveis de madeira	463,31	459,23	478,97	428,39	424,51	471,28
Móveis para escritório	10,81	9,08	8,78	7,71	7,09	9,02
Móveis para cozinhas	45,78	40,79	40,61	31,70	32,67	33,72
Móveis para dormitórios	233,13	244,59	272,43	245,39	241,18	262,65
Outros móveis de madeira	152,14	142,93	135,89	125,73	124,00	146,40
Partes para móveis de madeira	21,45	21,85	21,25	17,87	19,57	19,48
Móveis de metal	36,35	28,77	30,38	16,69	15,43	18,70
Móveis e partes de móveis de outros materiais	16,10	18,40	15,20	17,68	21,93	21,12
Colchões e suportes para camas	5,61	6,48	9,13	9,40	13,74	15,74
Total das exportações de móveis	696,58	675,79	666,42	580,67	585,15	625,80
Importações						
Assentos e estofados	415,40	490,72	490,52	426,84	345,98	431,69
Móveis de madeira	28,17	26,90	24,89	22,30	16,09	19,83
Móveis para escritório	1,61	1,50	1,54	2,48	1,54	2,14
Móveis para cozinhas	1,18	1,56	1,67	1,49	0,86	1,18
Móveis para dormitórios	1,63	1,27	1,74	1,69	1,45	2,57
Outros móveis de madeira	22,49	20,84	18,78	15,64	10,97	12,79
Partes para móveis de madeira	1,26	1,72	1,16	0,99	1,28	1,15
Móveis de metal	71,60	63,13	66,40	55,85	28,60	34,85
Móveis e partes de móveis de outros materiais	39,15	47,10	42,17	41,01	45,93	17,06
Colchões e suportes para camas	5,05	5,99	6,50	4,96	3,80	3,07
Total das importações de móveis	559,37	633,83	630,47	550,96	440,40	506,49
Balança Comercial						
Assentos e estofados	-240,19	-327,80	-357,78	-318,34	-236,44	-332,72
Móveis de madeira	435,15	432,34	454,08	406,09	408,41	451,45
Móveis para escritório	9,20	7,57	7,24	5,23	5,55	6,89
Móveis para cozinhas	44,61	39,23	38,95	30,21	31,81	32,53
Móveis para dormitórios	231,50	243,32	270,69	243,69	239,73	260,08
Outros móveis de madeira	129,65	122,08	117,11	110,08	113,03	133,62
Partes para móveis de madeira	20,19	20,13	20,09	16,87	18,29	18,34
Móveis de metal	-35,25	-34,37	-36,02	-39,16	-13,18	-16,15
Móveis e partes de móveis de outros materiais	-23,05	-28,70	-26,96	-23,34	-23,99	4,06
Colchões e suportes para camas	0,56	0,48	2,64	4,44	9,95	12,67
Resultado total BC de móveis	137,21	41,96	35,95	29,71	144,75	119,31

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Brasil (2018).

NOTA: A categoria "móveis de outros materiais" reúne móveis de plástico, vime, bambu e rotim.

Quanto às importações, em 2017, verificou-se uma pequena elevação do valor importado em 2016. Contudo, esse aumento foi inferior aos níveis de 2013 e 2014. Conforme é verificado (Tabela 3), em média, 80% do valor das importações estão no segmento de assentos. Focando essa categoria, constata-se que mais da metade das importações são de “partes para assentos, de outras matérias”; ou seja, basicamente componentes de plástico e de metal. Tanto no Brasil como no RS, uma parte desses itens importados complementa a produção de móveis para exportação — cerca de 10% das exportações de móveis são assentos e estofados. Em 2017, essas partes corresponderam a 61,7% das importações.

Em torno de um terço das importações de móveis, incluindo seus complementos, são originárias da China. Em 2017, a participação desse país alcançou o maior percentual, 39,4%, sendo que entre 2012 e 2017 sua participação foi de 33,4%. Em seguida, na média de 2012-2017, encontram-se os Estados Unidos (8,3%), o México (6,2%), a Coreia do Sul (6,1%), a Alemanha (5,3%) e a Itália (5,1%).

Vale salientar que, embora as “partes de assentos de outras matérias” seja o principal item comercializado em todos os países citados, em alguns países se observa a importação de outros artigos. No caso da China, além das “partes de assentos de outras matérias” — que representa um quarto do total —, o Brasil importa “assentos giratórios de altura ajustável de outros materiais (exceto madeira)”, 20%, e “outros móveis de metal”, 15%. No caso da Itália, se destaca a importação de “outros móveis de madeira” e de “outros móveis de metal”, ambos com participação de 10%, enquanto que na importação francesa se sobressaem os “outros assentos”, 25%.

Entre as unidades de federação, o maior importador brasileiro de móveis é o estado de São Paulo. Ali é registrada mais da metade do valor importado de móveis, 53,7%, entre 2012 e 2017. Os estados subsequentes são o Paraná (13%), Rio Grande do Sul (7,5%) e Santa Catarina (7,0%). Essa distribuição não surpreende, pois esses Estados concentram o maior número de estabelecimentos do setor moveleiro, e, portanto, são os principais importadores de componentes e peças para fabricação de móveis, estofados e assentos.

No que se refere ao resultado comercial — exportações menos importações — o setor de móveis brasileiro é historicamente superavitário. Isso ocorre pelo menos por dois motivos. O primeiro é o fato de a indústria moveleira estar presente de forma bastante dispersa em todas as regiões, o que favorece a relação mais local de confecção-comercialização, especialmente nas categorias de móveis planejados e sob medida. O segundo diz respeito aos custos de logística, em particular de embalagem e de transporte, que encarecem muito no caso de móveis de volume médio e grande, especialmente para longas distâncias. Em vista disso, as categorias nas quais as importações superam as exportações são: (a) as de partes de assentos, genericamente de todos os tipos (madeira, metal e outros materiais), que são insumos para a produção nacional de móveis; e (b) os móveis de outros materiais, exceto madeira, que tendem a ser mais compactos e muitas vezes já estão montados ou pré-montados.

O Rio Grande do Sul, ao longo de 2017, exportou US\$ 187,50 milhões. Esse valor correspondeu a 30% do total das exportações brasileiras de móveis. As importações gaúchas de móveis, para o mesmo ano, totalizaram US\$ 38,23 milhões, resultando em um superávit comercial de US\$ 149,28 milhões (Tabela 4).

Na média do período dos últimos seis anos, 2012 e 2017, o Estado manteve sua participação nas exportações brasileiras ao redor dos 30%. Semelhante ao observado nas exportações brasileiras, os itens mais importantes foram os móveis de madeira: 81,7%, em 2017 e 82% na média 2012-17. Dentro desse grupo os segmentos que mais corroboram foram os móveis de madeira para dormitório (47,7% em 2017 e 49,6% na média 2012-17) e outros móveis de madeira (18,7% em 2017 e 17,9,6% na média 2012-17).

Nos últimos seis anos, os principais destinos das exportações gaúchas de móveis foram: o Uruguai (15,1%), o Peru (14,8%), o Reino Unido (13,7%), os Estados Unidos (11,7%), o Chile (8,0%), Argentina (7,3%) e o Paraguai (6,0%). Cada um desses países possui uma pauta bem definida, conforme exposto no quadro a seguir (Quadro 1).

Assim como ocorre no recorte nacional, no Rio Grande do Sul se sobressaem as importações de partes para assentos de outros materiais, basicamente de metal e plástico. Na média dos últimos seis anos, o valor importado desses itens correspondeu a 65% do total importado de móveis no Estado. Em segundo lugar estão as importações de assentos giratórios de altura ajustável de outros materiais (também preponderantemente de metal e de plástico), que, na média 2012-2017, representou 9% do valor importado de móveis.

Por sua importante posição, tanto na produção como na exportação de móveis do País, o Rio Grande do Sul apresenta resultados superavitários na balança comercial do setor. Em 2017 o resultado foi de US\$ 149,28 milhões (Tabela 4). Tal resultado é reflexo principalmente da diferença verificada entre as exportações e importações de móveis de madeira, que em 2017 foi de US\$ 152,39 milhões. Entre os itens da balança do setor apenas os assentos e estofados apresentaram resultado deficitário, sendo este decorrente do montante importado de partes de assentos de outros materiais que não de madeira.

Tabela 4

Valor das exportações, das importações e do saldo da balança comercial de móveis no Rio Grande do Sul — 2012-17

(em US\$ milhões)						
DESCRIÇÃO	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportações						
Assentos e estofados	15,15	17,13	19,83	18,06	19,13	22,92
Móveis de madeira	163,58	170,54	174,70	154,84	148,41	153,19
Móveis para escritório	5,35	5,49	4,91	4,74	4,41	5,83
Móveis para cozinhas	22,54	21,36	18,11	16,68	16,74	16,24
Móveis para dormitórios	87,40	99,77	112,05	98,93	95,30	89,84
Outros móveis de madeira	43,12	38,69	35,37	30,77	27,88	35,00
Partes para móveis de madeira	5,17	5,24	4,26	3,72	4,08	6,28
Móveis de metal	17,41	15,98	15,30	3,23	3,20	3,33
Móveis e partes de móveis de outros materiais	5,02	4,64	4,09	3,98	3,26	3,46
Colchões e suportes para camas	1,07	1,94	2,39	2,70	4,77	4,61
Total das exportações de móveis	202,22	210,24	216,31	182,81	178,78	187,51
Importações						
Assentos e estofados	29,58	39,09	47,72	40,41	26,68	34,66
Móveis de madeira	1,09	1,28	1,04	0,69	0,25	0,80
Móveis para escritório	0,10	0,05	0,01	0,02	0,00	0,00
Móveis para cozinhas	0,05	0,08	0,02	0,06	0,00	0,01
Móveis para dormitórios	0,11	0,03	0,17	0,10	0,01	0,00
Outros móveis de madeira	0,79	0,93	0,77	0,46	0,22	0,74
Partes para móveis de madeira	0,04	0,19	0,07	0,05	0,01	0,05
Móveis de metal	4,85	3,94	4,23	3,60	1,49	2,11
Móveis e partes de móveis de outros materiais	1,60	1,87	1,33	0,79	0,43	0,66
Colchões e suportes para camas	0,03	0,09	0,02	0,05	0,01	0,00
Total das importações de móveis	37,15	46,26	54,35	45,54	28,85	38,23
Balança Comercial						
Assentos e estofados	-14,43	-21,95	-27,89	-22,35	-7,54	-11,74
Móveis de madeira	162,49	169,26	173,66	154,15	148,16	152,39
Móveis para escritório	5,25	5,45	4,90	4,72	4,41	5,83
Móveis para cozinhas	22,49	21,28	18,09	16,63	16,74	16,23
Móveis para dormitórios	87,28	99,74	111,88	98,83	95,29	89,84
Outros móveis de madeira	42,33	37,75	34,60	30,30	27,66	34,26
Partes para móveis de madeira	5,14	5,04	4,19	3,67	4,07	6,23
Móveis de metal	12,56	12,05	11,07	-0,37	1,71	1,21
Móveis e partes de móveis de outros materiais	3,42	2,77	2,76	3,19	2,83	2,80
Colchões e suportes para camas	1,03	1,86	2,37	2,64	4,77	4,61
Resultado total BC de móveis	165,08	163,98	161,97	137,26	149,93	149,28

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Brasil (2018).

NOTA: A categoria "móveis de outros materiais" reúne móveis de plástico, vime, bambu e rotim.

Quadro 1

Principais destinos e correspondentes itens exportados do setor de móveis do Rio Grande do Sul — 2012-17

PRINCIPAIS DESTINOS	PRINCIPAIS ITENS EXPORTADOS
Uruguai	Dormitórios, cozinhas e outros móveis de madeira, e estofados
Reino Unido	Dormitórios de madeira
Peru	Dormitórios e outros móveis de madeira
Estados Unidos	Dormitórios e outros móveis de madeira
Chile	Dormitórios e cozinhas de madeira
Paraguai	Dormitórios, cozinhas e mobiliário de escritório de madeira
Argentina	Assentos com armação de metal e dormitórios

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Brasil (2018).

5 Considerações finais — perspectivas para o setor

O setor moveleiro brasileiro e gaúcho se defronta com dois grandes desafios. O primeiro deles, de caráter setorial, reside na necessidade de desenvolver e/ou aprimorar vantagens competitivas. Conforme foi destacado, embora mundialmente a cadeia de valor do setor de móveis seja dominada por grandes empresas estrangeiras, nas quais a participação de produtores nacionais não alcança os elos mais valorados, existem oportunidades interessantes nos mercados nacional e latino-americano.

Um diferencial competitivo do País é o uso, já difundido, de madeira certificada. O setor florestal brasileiro se expandiu e se modernizou nos últimos 30 anos. Os investimentos em P&D, financiados principalmente pela indústria da celulose, possibilitaram o melhoramento das mudas e, por conseguinte, o crescimento mais rápido das árvores. Nesse mesmo período, o setor florestal, também influenciado pela produção de celulose, buscou se adequar às normas internacionais de certificação¹³, em resposta à pressão exercida por grupos ambientalistas. Como resultado, hoje as principais produtoras de painéis de madeira reconstituída no País ofertam produtos certificados.

Se de um lado esse elemento competitivo se encontra num estágio mais consolidado, por outro lado há aspectos que poderiam ser melhor explorados pelas empresas moveleiras. Entre esses estariam (a) a própria divulgação do uso de madeira certificada; (b) a adoção de selos de diferenciação — por exemplo, certificados de indicação geográfica; (c) a aplicação de P&D para a criação de novos materiais; e (d) o aprimoramento de funcionalidades e de estética através de *design*. Invariavelmente, a maior dificuldade para levar essas estratégias adiante é enfrentada pelas micro e pequenas empresas. Em especial, para esse grupo de empresas o estímulo à cooperação e à formação de uma rede de apoio, com a participação de outros agentes (instituições de ensino técnico e superior, agências de suporte financeiro, dentre outros) é uma alternativa para minimizar os obstáculos.

Ainda no âmbito setorial, um problema que afeta principalmente os micro e pequenos produtores é a estrutura de mercado das empresas que fabricam os PMR, um dos principais insumos do setor. Apesar da ampliação do número de novas empresas a partir dos anos 2000, esse setor permanece concentrado, o que dificulta o poder de barganha dos produtores de móveis. Em 2014, seis empresas eram responsáveis por 90% da produção nacional de painéis (VIDAL; DA HORA, 2014). Essa configuração se mantém até hoje.

O segundo grande desafio que se coloca é equalizar a necessidade de fomentar essas vantagens competitivas num cenário de baixo crescimento da economia interna. A produção nacional de móveis é preponderantemente voltada para o mercado doméstico, sendo este atendido também pela produção local, uma vez que as importações são basicamente de peças e componentes.

O setor foi recentemente beneficiado com políticas de estímulo, tanto pelo lado da oferta como pelo da demanda. Porém, a luz dos dados analisados, os reflexos foram tímidos. Na oferta, destacam-se a política de desoneração da folha de pagamento — aplicada entre 2012 e 2016 — para reduzir os custos com pessoal e as iniciativas da Agência Brasileira de Promoção das Exportações e Investimentos, Apex-Brasil, para incentivar as exportações. Na demanda, o Programa Minha Casa Melhor, criou uma linha de financiamento de até R\$ 5.000,00 para a aquisição de móveis e de eletrodomésticos aos participantes do Programa Minha Casa Minha Vida, abrindo oportunidade de consumo para as classes mais populares. É necessário ressaltar que uma parte muito importante do consumo de móveis é influenciada pelo ritmo da construção civil. Por exemplo, quando a oferta de imóveis novos aumenta, e isso ocorre, em regra, em um ambiente econômico favorável, elevam-se as aquisições de móveis para equipar esses novos espaços. Além disso, por se tratar de bens de consumo duráveis, é comum a compra ser negociada a prazo e, portanto, sujeita à oferta de crédito, às oscilações da taxa de juros, bem como ao grau de endividamento dos consumidores.

Assim, para 2018, projeta-se uma lenta recuperação, aos moldes da verificada em 2017, quando houve pequenos aumentos na produção e na exportação de móveis. Não obstante, outros aspectos poderão frustrar as expectativas de recuperação do setor, como o crescimento da informalidade e da precarização no mercado de trabalho brasileiro, que poderá fazer com que as decisões de consumo de alguns segmentos da população sejam postergadas por mais tempo.

¹³ As duas principais certificações mundiais ligadas à produção florestal são: o Forest Stewardship Council (FSC) e o Program for Endorsement of Forestry Certification (PEFC).

Anexo

As informações a seguir foram obtidas na base de dados AliceWeb, do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, para os anos de 2012 e 2017. Ademais, para fins de compatibilização entre Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) e a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) considerou-se como itens exportados e importados de móveis os expostos no quadro a seguir.

Quadro A.1

Itens exportados e importados, segundo a NCM, vinculados à atividade de produção de móveis

PRINCIPAIS GRUPOS	CORRESPONDÊNCIA NCM
Assentos e estofados	Assentos giratórios de altura ajustável, de madeira
	Assentos giratórios de altura ajustável, de outras matérias
	Assentos (exceto de jardim ou de acampamento) transformáveis em camas, de madeira
	Assentos (exceto de jardim ou de acampamento) transformáveis em camas, de outras matérias
	Assentos de bambu ou de rotim
	Assentos de bambu
	Assentos de rotim
	Assentos de vime ou matérias semelhantes
	Assentos estofados, com armação de madeira
	Outros assentos com armação de madeira
	Assentos estofados, com armação de metal
	Outros assentos com armação de metal
	Outros assentos
	Partes para assentos, de madeira
	Partes para assentos, de outras matérias
Móveis de madeira	Móveis de madeira, do tipo utilizado em escritórios
	Móveis de madeira, do tipo utilizado em cozinhas
	Móveis de madeira, do tipo utilizado em quartos de dormir
	Outros móveis de madeira
	Partes para móveis, de madeira
Móveis de metal	Móveis de metal, do tipo utilizado em escritórios
	Outros móveis de metal
Móveis e partes de móveis de outros materiais	Móveis de plásticos
	Móveis de bambu ou de rotim
	Móveis de bambu
	Móveis de rotim
	Móveis de vime ou de matérias semelhantes
	Partes para móveis de outras matérias
Colchões e suportes para camas	Suportes para camas (somiês)
	Colchões de borracha alveolar ou de plásticos alveolares, mesmo recobertos
	Colchões de outras matérias

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Brasil (2018).

Referências

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (AliceWeb)**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br>>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Relação de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em: 20 out. 2017.
- CAMARGO, M.E. de; DUARTE, R.A.; COSTA, A.B. da; MACIEL, J.M.C. A cooperação como alicerce para a construção da competitividade no APL moveleiro de Lagoa Vermelha — RS. **Revista de Administração da UNIMEP**: Piracicaba, v.6, n.2, pp: 45-65, maio-agosto 2008. Disponível em: <<http://raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/54>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- NAÇÕES UNIDAS. **Comtrade - Database**. Disponível em: <<https://comtrade.un.org/>>. Acesso em: mar. 5 de 2018.
- COSTA, A. B. da; HENKIN, H. Organização industrial e inserção internacional da indústria brasileira de móveis. **Ensaio FEE**: Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 143-176, maio 2012. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2534/3072>>. Acesso em: 14 mar.2013.
- FAUTH, E. M.; SPEROTTO, F. Q. **A aglomeração produtiva de móveis no Corede Serra**. Porto Alegre: FEE, 2013. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/relatorios/aglomeracao-produtiva-de-moveis-no-corede-serra-relatorio-i/>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Série do PIB-Trimestral: 2014 — 2017**. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/pib-trimestral/>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- GALINARI, R.; TEXEIRA JUNIOR, J. R.; MORGADO, R. R. A competitividade da indústria de móveis do Brasil: situação atual e perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 227-272, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/>>. Acesso em: 24 maio 2013.
- GORINI, A. P. F. Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 50, set. 1998. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/f>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal**. 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2018
- IEMI — INTELIGÊNCIA DE MERCADO. **Brasil Móveis: Relatório Setorial da Indústria de Móveis no Brasil — 2016**. São Paulo: v. 11, p. 274, out. 2016.
- MACADAR, B. M. **A efetividade de construtos de marketing de relacionamento nas interações dos atores envolvidos no arranjo produtivo local moveleiro de Bento Gonçalves — RS**. Porto Alegre: FEE, 2008. (Teses FEE, n. 10). Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/teses/teses_fee_10.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2013.
- MATTOS, R. L. G; GONÇALVES, R.M.; CHAGAS, F.B. das. Painéis de madeira no Brasil: panorama e perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 121-156, mar. 2008. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2016
- ROSA, S. E. S. da et al. O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 65-106, mar. 2007. Disponível em:<<http://www.bndes.gov.br/>>. Acesso em: 17 mar. 2013.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Estrutura de atividades da indústria de transformação**. Porto Alegre: FEE, 2016.

SPEROTTO, F. Q. Arranjo Produtivo Local Móveis da Serra Gaúcha. In: MACADAR, B. M. de; COSTA, R. M. da. (Org.). **Aglomerações e Arranjos Produtivos Locais no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2016. P. 405-443. Disponível em:<<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/20161109livro-apls-arranjo-produtivo-local-mcentveis-da-serra-gacha.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

VARGAS, M. A.; ALIEVI, R. M. Competitividade, capacitação tecnológica e inovação no arranjo produtivo moveleiro da serra gaúcha. In: ARRANJOS e sistemas produtivos locais e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico. Rio de Janeiro: UFRJ/IE, 2000. (Nota técnica, n. 39)

VIDAL, A. C. F.; DA HORA A. B.. Panorama de mercado: painéis de madeira. . **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.40, p. 323-384, SET. 2014. Disponível em:< <https://web.bndes.gov.br/> >. Acesso em: 17 mar. 2017.

